



O LADO AMARGO DA ESPIRITUALIDADE

LEONARDO MONTES

"CUIDEM QUE NINGUÉM SE EXCLUA DA GRAÇA DE DEUS; QUE NENHUMA RAIZ DE AMARGURA BROTE E CAUSE PERTURBAÇÃO, CONTAMINANDO MUITOS". HEBREUS 12:15

O LADO AMARGO DA ESPIRITUALIDADE

Uma reflexão aos trabalhadores da mediunidade.

O LADO AMARGO DA ESPIRITUALIDADE

Distribuição gratuita.

Leonardo Montes

www.facebook.com/leonardo.montes.mg

www.youtube.com/VozEspiritualista

www.umbandasimples.com.br

1ª edição: março de 2021

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1 - Ataque Espiritual.....	7
Capítulo 2 - Instabilidade emocional	14
Capítulo 3 - Mistificação	19
Capítulo 4 - Ódio gratuito.....	23
Capítulo 5 - Decepção	29
Capítulo 6 - Ingratidão.....	34
Capítulo 7 - Traição.....	39
Capítulo 8 - Desânimo.....	45
Capítulo 9 - Falta de fé.....	50
Capítulo 10 - Desconfiança.....	54
Capítulo 11 - Solidão	59
Capítulo 12 - Apoio Espiritual	63
Capítulo 13 - Os frutos	70
Capítulo 14 - Aceitação.....	75

Introdução

Há muito tempo desejo escrever este livro. Contudo, diversas vezes rejeitei a minha vontade. Os temas que desejo abordar não são facilmente encontrados em outras obras, embora não possuam nada de novo: *são aquilo que frequentemente não se fala, apesar de todos sentirem na pele.*

O primeiro desafio seria escrever com esperança, pois embora os assuntos sejam pesados e, por vezes, tristes, a minha intenção não é a de desanimar os futuros trabalhadores da espiritualidade, mas contribuir de forma significativa para que possam, conscientemente, fazer a escolha por este caminho sem tantas surpresas pela frente.

O segundo, é o de não magoar a ninguém. As experiências pelas quais passei foram professoras que me fizeram chegar até aqui, embora ainda me veja longe da aceitação plena. Assim, procurei escrever de maneira genérica e peço que os conhecidos não procurem identificar a quem quer que seja, mas antes, analisem a si mesmos através dos exemplos citados.

No contexto deste livro, entenda-se espiritualidade como um meio termo entre Espiritismo e Umbanda, que são as duas religiões formadoras da minha espiritualidade, porém, creio, os assuntos aqui tratados sejam igualmente válidos para todos os caminhos espirituais, religiosos ou não.

Como todos os demais, este livro foi escrito por uma pessoa simples para outras pessoas simples, sem revisão ortográfica ou de quaisquer outros tipos. Trata-se de uma contribuição voluntária para a causa da espiritualidade no Brasil.

O autor.

Capítulo 1 – Ataque Espiritual

Quando entramos para uma casa religiosa, tudo são flores. A vida fica mais bela e charmosa. Tudo é alegria, todos são bons, amigos e tudo parece sorrir. Contudo, mais cedo do que se pensa, os desafios começam a surgir.

O entusiasmo inicial desaparece e uma sombra parece acompanhar os nossos passos. Aquela vontade intensa de chegar logo o dia da semana em que comparecemos à casa, dá lugar a um desânimo quase inexplicável, um sono repentino, uma dor estranha e imprevisível.

Os dias correm e a empolgação vai esmaecendo. Para alguns, este processo se dá em poucas semanas, enquanto para outros, pode levar alguns anos. Contudo, parece-me claro a esta altura, todos passarão por isso.

Existem, basicamente, duas explicações para tal situação: uma emocional e outra espiritual.

A parte emocional se explica através da rotina. De início, tudo é novo, encantador, misterioso, porém, o dia-a-dia de qualquer casa religiosa, de

qualquer seguimento, se resume em trabalho, rotina e isso faz perder o encanto de todo enfeitado.

A parte espiritual - que é a mais relevante para este capítulo -, permanece quase sempre oculta e se explica da seguinte forma: antes de entrarmos para a casa, antes de aceitarmos o compromisso com a espiritualidade, somos apenas pessoas soltas pelo mundo, mais um na multidão.

Não incomodamos as trevas e elas não se importam conosco. Contudo, a partir do compromisso firmado, deixamos de ser pessoas sem relevância espiritual e nos tornamos agentes da espiritualidade, porém, encarnados.

Vejam alguns exemplos básicos.

Se você desenvolve a sua mediunidade em um centro espírita e lá permanece por cinquenta anos trabalhando semanalmente na desobsessão, quantos espíritos terá ajudado durante este tempo? Quantos casos complexos de obsessão serão resolvidos através da sua contribuição?

Portanto, mesmo que você se sinta um médium com poucos recursos mediúnicos, ao longo do tempo, terá contribuído positivamente para auxílio de milhares de pessoas, encarnadas e desencarnadas.

Não está convencido? Veja só: suponhamos que você trabalhe na desobsessão semanalmente. Vamos considerar que o ano tenha 52 semanas e vamos considerar, como ocorre em meu próprio caso, que em trabalhos de desobsessão você incorpore três espíritos sofredores por sessão.

Ao longo de 50 anos, você terá participado de 2.600 reuniões mediúnicas e terá incorporado 7.800 vezes. Ficou mais claro, agora?

Leve em consideração que um trabalho espírita possua, em média, cinco médiuns por sessão. Se todos permanecerem na casa durante 50 anos, o resultado final seria o de 39.000 manifestações de espíritos sofredores, apenas e tão somente em um único centro espírita.

Agora, façamos uma comparação com os trabalhos de Umbanda, tomando por base o que ocorre na casa onde trabalho.

Em média, fazemos uma gira por semana com cerca de 60 consulentes, distribuídos entre 10 médiuns. Isto quer dizer que, em média, realizamos 3.120 atendimentos espirituais por ano. Ao longo de 50 anos, teríamos 156.000 atendimentos, passes, orientações, esclarecimentos, etc.

Entende por que você, mesmo sendo um médium com poucos recursos, muitas dúvidas e talvez, pouca fé, se torna tão importante para as trevas?

– *Ah, Léo! É muito difícil um médium trabalhar por tanto tempo assim!*

Realmente, mas qual a razão? Excetuando-se os casos em que nada se pode fazer, como a desencarnação precoce, que fatores levam os médiuns a abandonarem suas tarefas?

A principal, são os ataques espirituais.

Por ataque, entenda-se, a investida organizada ou não das trevas contra o médium e, por trevas, entenda-se, os espíritos ainda vinculados ao mal e que não desejam o progresso espiritual do planeta.

O médium é um alvo ambulante, alguém que será constantemente molestado por estes espíritos de forma direta ou indireta.

Assim, não é raro surgirem relatos de médiuns que enfrentam problemas familiares, no trabalho, com os amigos, desde o momento em que decidiram assumir alguma tarefa espiritual e isso ocorre, justamente, porque as trevas não dão descanso. Tais

espíritos procurarão alfinetar, justamente, nossas fraquezas.

Cada um é atacado de forma diferente. Se o drama de um companheiro for a fé, estes espíritos soprarão a dúvida em seus ouvidos.

Se for o ciúme, provocarão a esposa ou o esposo para que fiquem desconfiados em relação a alguém da própria casa. Se o problema for o trabalho, procurarão inspirar o chefe para que crie os maiores embaraços, não raro, impedindo que a pessoa compareça às sessões.

O médium frequentemente se vê rodeado por vozes ameaçadoras, olhares de ódio, chispas de raiva aqui e ali, uma pressão psíquica constante.

Enfim, cada um é atacado conforme suas próprias dificuldades e é por isso que se faz tão necessário os recursos da oração e da vigilância.

Mas, e os ataques diretos?

Estes ocorrem de forma mais grosseira e podem se dar através de processos obsessivos, ataques noturnos, perseguição em todos os ambientes, procurando criar todos os embaraços possíveis para afastar o médium do seu compromisso.

Por isso, ao longo destes 20 anos de estudos sobre espiritualidade, cheguei à conclusão de que o maior obstáculo que o médium enfrenta são os ataques espirituais que, se não combatidos, poderão tirá-lo do caminho e é por isso que, raramente, se vê alguém chegar aos 50 anos de trabalhos mediúnicos.

Talvez você esteja surpreso com tudo o que eu disse e pense: mas, e a proteção espiritual? Sim, ela existe e falarei sobre ela no final deste livro.

Então, como se livra dos ataques espirituais?

— *Não se livra!*

Os ataques espirituais nunca cessarão. O que ocorre é que, com o passar do tempo, eles diminuem de intensidade conforme o médium aprende a resistir a estes impulsos, por isso, a reforma íntima se torna a companheira constante dos médiuns, uma vez que as trevas, ao perceberem que não conseguirão afastar determinado médium, procuram logo influenciar outro, buscando sempre, o elo mais fraco da corrente.

Como pretendo escrever de forma simples e resumida, não entrarei em maiores detalhes. Contudo, creio que o exposto neste capítulo seja o suficiente para que os futuros médiuns e demais

trabalhadores se conscientizem dos imensos desafios que os aguardam neste florido e espinhoso caminho da Espiritualidade.

A rota segura continua hoje, como há dois mil anos: oração, vigilância, reforma íntima.

Capítulo 2 – Instabilidade emocional

Os médiuns, geralmente, são criaturas possuidoras de uma instabilidade emocional notória, o que pode incliná-los a coisas maravilhosas e outras nem tanto.

Em **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec, item 98, é dito:

“As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos.”

O que possivelmente Kardec não sabia em seu tempo é que, além de produzir excelentes médiuns, a falta deste “invólucro refratário”, que seria uma

espécie de proteção energética “natural” do sistema nervoso, faz com que os médiuns se tornem pessoas muito instáveis emocionalmente.

Tanto é que, um dos primeiros “sintomas” que todo médium em desenvolvimento experimenta é a crescente sensibilidade emocional que, neste sentido, pode ser entendida como uma flutuabilidade em suas emoções sem causa aparente.

É certo que existem pessoas que são naturalmente assim e, neste caso, seria mais difícil perceber tais mudanças, contudo, entre as que não são, isto é facilmente perceptível.

Assim que iniciam o desenvolvimento mediúnico, os médiuns se comportam como marinheiros num pequeno barco durante uma tempestade, oscilando em suas emoções como os sacolejos das ondas do mar.

Em pessoas mais sensatas e centradas, essas oscilações não produzirão mais do que alguns incômodos, porém, em pessoas sem esta estrutura, as oscilações tenderão a ser bem características, o que pode fazer da convivência com o médium um verdadeiro desafio.

Exemplo real:

Conheci uma pessoa que era naturalmente agressiva, nervosa. Ao iniciar o seu desenvolvimento, sua irritabilidade aumentou muito. Em poucas semanas, já havia brigado com a família inteira por coisa alguma. Ela própria não sabia a razão dos desentendimentos recentes e, numa das brigas com sua mãe, esta lhe disse:

— *Foi só você “invocar” com esse trem de terreiro e ficou insuportável!*

E o pior é que ela tinha razão. Claro, a moça tinha um temperamento difícil mesmo, mas o desenvolvimento acentuou isto uma vez que os processos de incorporação superexcitam o sistema nervoso, tornando o médium mais sensível a tudo ao seu redor.

Por isso, o médium não pode descuidar-se da reforma íntima, pois conforme a suas inclinações pessoais, o grau de instabilidade que possua, somado aos ataques espirituais mencionados no capítulo anterior, pode tornar-se uma pessoa insuportável, tendo prejuízos reais em suas relações familiares, no trabalho e, principalmente, em sua casa religiosa.

É claro que, a princípio, tal sensibilidade pode parecer algo ruim, mas não é. O médium, justamente

por ser dotado desta sensibilidade, mais facilmente sente a dor do próximo, mais facilmente se inclina para ajudar alguém e isso pode levá-lo a realização de coisas maravilhosas.

A instabilidade do médium, no fundo, acaba servindo como um mecanismo de controle de si mesmo, uma ferramenta para o autoconhecimento, um meio de avaliar a si e a se autodisciplinar. Por isso, embora possa causar problemas em médiuns novatos e indisciplinados, terminará por levá-los a um outro patamar em termos de maturidade emocional, se assim permitirem.

O fato é que, devido a esta instabilidade, a convivência com os médiuns pode ser muito difícil. Tanto é que em muitos centros espíritas os dirigentes das sessões mediúnicas não são médiuns, para que assim consigam examinar as situações e resolvê-las de forma mais serena e sem tanta afetação emocional.

O mesmo se dá em relação aos cambones, no contexto da Umbanda, cujo papel frequentemente não é apreendido em sua extensão. Justamente por não entrarem em transe, são os olhos e ouvidos do terreiro e por isso os médiuns devem sempre procurar suas opiniões, desapaixonadas.

Assim se explica o motivo de haver tanta instabilidade emocional entre os médiuns, ao mesmo tempo em que se explica a origem de tantos conflitos dentro das casas religiosas (a principal razão para o fechamento de centros/terreiros são conflitos interpessoais) e é por este motivo que sempre aprendi com os guias que não se deve “desenvolver a mediunidade em cabeça de gente perturbada”, pois o que a princípio pode parecer uma boa solução, se revelará como uma péssima escolha, inclinando a pessoa ainda mais para o abismo em cujo rumo já se encontra...

Capítulo 3 – Mistificação

“35. – Durante esse tempo, foi você vítima de mistificação alguma vez?”

– Muitas.

36. – E até hoje isso acontece ou pode acontecer?”

– Sim.

37. – Por que sucede isso a você, que já psicografou quase cem livros?”

– Decerto que o Mundo Espiritual permite que eu passe por essas provações para mostrar-me que receber livros dos Instrutores Espirituais não me cria privilégio algum, que estou apenas cumprindo um dever e que sou um médium tão falível quanto qualquer outro, com necessidade constante de oração e trabalho, boa vontade e vigilância.”

As respostas acima foram dadas por Chico Xavier para Elias Barbosa e publicadas no livro: **No**

Mundo de Chico Xavier. Considerado a maior antena psíquica do século XX, Chico Xavier foi, também, exemplo de humildade e amor ao próximo. Em 2012, através de uma votação feita pelo SBT, foi escolhido o maior brasileiro de todos os tempos. Com todas essas credenciais, devemos refletir:

– *Se Chico Xavier sofria mistificações, imagina o que não deve acontecer comigo...*

A mistificação ocorre quando um espírito finge ser outro com o propósito de enganar. Ocorre, por exemplo, quando um espírito dá um nome famoso ou induz o médium a acreditar que ele está se comunicando com um espírito conhecido, quando na verdade não está.

Muitas pessoas no meio mediúnico pensam que mistificação seja sinônimo de fingimento do médium, mas não é o caso. Na mistificação, o médium de fato recebe o espírito, o transe mediúnico é real, porém, o espírito manifestante é um impostor, está brincando com a credulidade alheia, levando o médium e quem esteja ao seu redor ao engano.

A mistificação pode ser corriqueira ou eventual. Na mistificação corriqueira, o médium está sob processo obsessivo e a entidade o fascina quanto

a sua personalidade e importância. O médium passa a acreditar que, de fato, está se comunicando com um espírito grandioso e, quase sempre, não consegue ver as incoerências que a entidade produz através de si.

Já a mistificação eventual, como sugere o próprio nome, ocorre eventualmente, circunstancialmente, em momentos de crise moral do médium, quando esteja pouco vigilante: é preciso não esquecer, como dito no primeiro capítulo, que as trevas estão sempre à espreita.

Entre os médiuns, este é um problema considerável, pois o médium, frequentemente envaidecido pela entidade que recebe, acaba lutando com unhas e dentes para provar a autenticidade da sua mediunidade, levantando verdadeiras bandeiras para defender o espírito e suas ideias. Eis o perigo!

O médium, em todos os casos, precisa buscar sempre a neutralidade, senão absoluta, a que for possível. Não deve se envolver nas ideias do espírito, deixando que as pessoas a julguem quanto a sua veracidade. Do contrário, de agente passivo do fenômeno mediúnic, ele se torna porta-voz do espírito e, em algum momento, não haverá mais distinção entre as suas ideias e as ideias do espírito.

Tenho observado este fenômeno ultimamente quando, de repente, os espíritos que nunca se meteram a falar em política, estão palpitando sobre isso em todos os cenários. Não sem razão, a “opinião política do espírito” é sempre a mesma do médium...

Contudo, apesar disso, o maior embaraço das mistificações é levar o médium e, não raro, o grupo mediúnico ao seu redor, ao erro. Por isso, nunca se deve crer cegamente em nada e sempre se deve colocar todos os espíritos, assim como todos os médiuns, sob o crivo da razão e do diálogo.

As entidades verdadeiramente sábias, os guias espirituais genuínos, estão sempre abertos ao diálogo. As entidades mistificadoras, não. Procuram se impor pela autoridade, fazem ameaças, o que já revela, por si só, a natureza do espírito.

Assim, não existem médiuns infalíveis e todos, cedo ou tarde, passarão pela mistificação, corriqueira ou eventual, conforme suas próprias brechas. Aqui, mais uma vez: oração, vigilância, reforma íntima! – Eis o mecanismo para mitigar qualquer processo obsessivo.

Capítulo 4 – Ódio gratuito

Imagine o seguinte cenário: você, como médium, é convidado, através da desobsessão ou do atendimento em algum terreiro, a socorrer uma pessoa enferma que procurou a casa onde atua.

Como alguém consciente da sua responsabilidade, você faz o possível para auxiliar, seja com a sua mediunidade, com sua energia, com sua palavra amiga. O efeito? A pessoa melhora sensivelmente.

Porém, esta pessoa sofre uma obsessão e o obsessor não ficou nada satisfeito com a sua interferência em seus planos. O resultado? Ele investirá contra você ou mesmo contra a casa, afinal, se vocês não existissem, dificilmente aquela pessoa encontraria algum auxílio... Pessoalmente, você nada fez para merecer essa investida, contudo, ainda assim, ela acontecerá!

O cenário descrito acima é perfeitamente comum, embora muitos médiuns não se deem conta disso. Além dos ataques e perseguições espirituais que “naturalmente” o médium sofre pelo simples fato de fazer o bem, precisa também estar ciente de

todos os ataques que atrairá para si pelo simples fato de atuar como médium, “comprando” brigas que, inicialmente, não eram suas.

Este “ódio gratuito” se manifestará de muitas formas: talvez como um ataque direto, como mencionado no primeiro capítulo; talvez como uma pressão oculta no dia de sessão, em que, insistentemente, pensamentos de insensatez querem tomar conta da sua cabeça; talvez, através de um vizinho que, de repente, começa a implicar subitamente com você, etc.

Lembra do dito: “Ninguém atira pedras em árvores que não dá bons frutos”? É aqui que ele se encaixa. Pelo simples fato de fazer o bem, o médium levará muitas pedradas. Vamos para outro cenário.

Como produtor de conteúdos sobre espiritualidade para a internet há muitos anos, perdi a conta de quantos comentários raivosos eu recebi em meus vídeos ainda que o conteúdo, por si mesmo, em nada merecesse tamanha atenção.

Um dos vídeos que produzi, por exemplo, caiu num fórum evangélico. Isso fez a audiência do vídeo subir para algumas centenas de milhares de visualizações, porém, os comentários eram tão

agressivos que tive que desativá-los por mais de um ano, até que esquecessem o meu canal.

Ao longo dos anos, precisei bloquear algumas dezenas de pessoas e excluir centenas de comentários por ataques diretos a mim, inclusive, ataques feitos por pessoas do mesmo seguimento religioso que, de alguma forma, se sentiram feridas por alguma opinião que não concordassem.

Quem produz conteúdos para a internet precisa aprender a lidar com isso e, embora o tempo faça o seu trabalho, não é uma tarefa tão simples e, por vezes, o desânimo toma posse, especialmente se você for uma pessoa pacífica que só quer divulgar aquilo que acredita num mundo repleto de intolerância dos dois lados da vida.

Agora, vou contar um pouco sobre os desafios que já enfrentei simplesmente por ter um trabalho informativo pela internet.

Uma coisa que poucas pessoas sabem, é que um dos grandes desafios que sempre lidei ao gravar as minhas reflexões (para o Youtube), é que tudo quase sempre conspira para que não deem certo. Exemplo: eu quase sempre gravo pela madrugada,

pois moro numa região relativamente movimentada, com muito ruído externo.

Contudo, quantas e quantas vezes, no silêncio da noite, bastava que eu pensasse em gravar uma reflexão e os cachorros do vizinho ou mesmo os meus se alvoraçassem, latindo para “o nada”. Ao sair na garagem para ver o que havia lá fora, nada via, embora sentisse um calafrio, como se pares de olhos invisíveis me observassem constantemente.

Certa vez, enquanto gravava uma reflexão importantíssima e que foi um sucesso no canal, ouvi um estrondo, como uma explosão na rua. Parei a gravação na hora, sai correndo para ver o que tinha acontecido e, para minha surpresa, não havia nada: minha esposa não ouviu barulho algum, os cachorros não latiram, nada diferente havia acontecido, mas eu ouvi um enorme estrondo que conclui, havia ocorrido apenas para que eu não levasse adiante a gravação.

Noutra ocasião, também gravando um tema importante e que posteriormente foi sucesso de audiência, deparei-me com um problema inexplicável.

Na época, minhas gravações ocorriam com o smartphone. Porém, eu não conseguia gravar sobre o tema que gostaria, pois o áudio ficava cortando. O curioso é que, se tentasse gravar sobre qualquer outra coisa, o áudio saía limpíssimo, mas naquele tema em específico o áudio sempre cortava. Foi assim durante uma semana...

Enfim, para não alongar este capítulo e também para não o tornar por demais sombrio, é preciso dizer com clareza que, sim, o trabalhador da espiritualidade, pelo simples fato de fazer o bem, seja em sua casa de fé ou na internet, atrairá uma série de ódios gratuitos que o levarão ao limite da tolerância.

Porém, ao contrário das recomendações habituais, aqui gostaria de explicar a tática que tenho empregado e que foi a responsável por me fazer chegar até aqui, mesmo com tantas pedradas pelo caminho: no caso das intolerâncias familiares e de outras pessoas, seja firme. Não permita que façam do seu trabalho um ninho de discórdia. Exclua da sua vida, se necessário for, bloqueie nas redes sociais se necessário for, mas mantenha sua obra acima das mãos alheias.

Quem me acompanha pelo Youtube sabe que sou aberto ao contraditório, aceito as opiniões contrárias, mas não tolero uma única ofensa. Apago os comentários raivosos e os insistentes são punidos com o bloqueio. A frase que resume esta postura me foi ensinada por uma professora na faculdade: **“O segredo da tolerância não é tolerar tudo, mas saber o que tolerar”**.

Quanto ao ódio gratuito dos perseguidores espirituais, a recomendação evangélica é a oração por eles, porém, por ser demasiadamente humano e homem comum, confesso que nem sempre consigo este intento. Neste caso, a minha resposta mais frequente é a indiferença e, nos casos de interferência direta em meu trabalho, interpreto-as como um incentivo para seguir adiante com a ideia que pretendem abafar.

Capítulo 5 – Decepção

No começo deste livro, mencionei que a empolgação inicial, em algum momento, acaba desaparecendo e o entusiasmo vai deixando de existir como uma vela que se apaga aos poucos.

Se, inicialmente, tudo são flores e alegrias, com o passar do tempo, surgirão as primeiras decepções: alguém que se imaginava amigo e que não se mostrou à altura; uma fofoca que se apresenta com tons de malícia; panelinhas que agregam uns e excluem outros; divergências de pensamentos que causam instabilidade, etc.

A idealização da casa religiosa como um pedaço do céu na Terra, se converte, aos poucos, em um campo de batalhas e se, a princípio, a empolgação faz com que se conte nos dedos os dias que faltam até o próximo trabalho, com o correr do tempo, se mostrará uma angustiada espera pelas tensões que, eventualmente, surgirão.

É neste ponto que todos atravessam uma fase de incertezas a respeito da própria jornada: será que estou na casa certa? É isso mesmo que quero para a

minha vida? É com estas pessoas que desejo estar até o fim? – São perguntas muito frequentes.

Contudo, a raiz da decepção está na ilusão que criamos para nós mesmos, através da idealização de companheiros que, em verdade, nunca nos prometeram nada. E, na contramão do senso comum, em que as decepções são sempre dos outros para conosco, é preciso reconhecer que igualmente decepcionamos a outras tantas pessoas que em algum momento também criaram uma imagem idealizada de quem somos.

Em suma: nos decepcionamos e também se decepcionam conosco.

“E Jesus, tendo ouvido isto, disse-lhes: Os sãos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento.” **Marcos 2:17**

Muitos leigos pensam que uma boa casa religiosa seja composta por espíritos iluminados que receberam a missão de usar seus dons para ajudar o próximo. Porém, isto é apenas parcialmente verdade: praticamente não existem pessoas iluminadas dentro

das organizações religiosas e, sim, doentes da alma, cujo tratamento oferecido pela casa beneficia eles mesmos antes de chegar ao próximo.

Numa casa, são reunidos espíritos que podem ter em comum laços do passado ou apenas uma necessidade de trabalho no presente. Assim, além das diferenças pessoais, a característica mais marcante e que une a todos são as dívidas do passado.

Neste sentido, percebe-se bem cedo as tendências de cada um: alguns são arrogantes; outros prepotentes; outros autoritários; outros levianos; outros possessivos; outros mesquinhos; outros maledicentes e por aí vai.

Estas características humanas não se apagam na casa religiosa, pelo contrário, se tornam ainda mais evidentes e, frequentemente, são a causa das decepções.

Isto é algo especialmente importante para os médiuns, principalmente se forem portadores de faculdades mediúnicas expressivas, pois bem cedo as pessoas tendem a santificá-los... Porém, bastaria um dia convivendo na intimidade para se perceber com muita clareza que a imensa maioria ainda poderia ser

enquadrada, sem medo de errar, na categoria dos pecadores...

Por isso, em minha opinião, o maior desafio de toda casa de fé não é, propriamente, reunir pessoas que tenham um mesmo ideal, mas saber se é possível que todos deixem suas más tendências de lado, pelo menos, dentro da casa religiosa, em prol do trabalho que precisa ser realizado. Se isto for alcançado, muitos problemas se resolveriam por si mesmos.

Exemplificando melhor tudo que disse acima, trarei um testemunho pessoal: uma das coisas que me arrependo no que se refere ao início da minha jornada espiritual, foi a de não ter agido com prudência em relação a estranhos. Eu imaginava - como muitos - que todo mundo que chegava na casa vinha para somar, que todos eram buscadores tão sedentos quanto eu mesmo e isso simplesmente não era verdade.

Assim, por vezes, colocava uma expectativa sobre determinada pessoa e logo vinha a frustração: o comportamento dela não era o que eu esperava e, por vezes, era tudo que eu não esperava, contribuindo, ainda mais, para dificultar a ordem dos trabalhos.

Aliás, é por esta razão que não recomendo o estreitamento dos laços íntimos, exceto, em casos muito especiais. É certo que podem surgir boas amizades dentro da casa, porém, frequentemente, este é um passo muito perigoso, pois ao levar o companheiro de fé para dentro da sua vida íntima, você pode estar levando a serpente para a sua toca.

Certa feita, Vó Cambinda de Guiné, falando sobre isso, nos disse:

— Filhos, a única coisa que vocês precisam ter uns para com os outros para que a casa funcione é respeito!

Todas as demais, incluindo, intimidade e amizade, são dispensáveis, a fim de se evitar, tanto quanto possível as decepções que inevitavelmente surgirão em algum momento.

Capítulo 6 – Ingratidão

Durante algum tempo, assisti diversas entrevistas que formam o quadro “Falando de Axé”, do grupo de estudos Bráulio Goffman, através do Youtube.

Adorava ver as entrevistas daquelas pessoas, a maioria, pertencentes ao Candomblé, e que contavam suas vidas, desafios, vitórias e perdas pessoais.

Uma das características comuns destas entrevistas era quando o entrevistador perguntava se a pessoa conservava mais alegrias ou tristezas em sua vivência religiosa. A maioria respondia que eram alegrias, mas as respostas quase sempre tocavam às ingratidões colecionadas pelo caminho e, incrivelmente, aquilo me consolou fortemente.

Como pessoa simples, médium comum e que fora convidado pela espiritualidade a levar adiante o conhecimento adquirido sobre este campo, bem cedo tive que lidar com a ingratidão e isso, sem dúvida, muito me machucou, assim como também havia machucado aquelas pessoas que deram as entrevistas.

O universo religioso, pelas características expostas no capítulo anterior, é formado por pessoas dos mais diversos níveis evolutivos e com as mais diferentes tendências. Assim, uma narrativa muito comum é: fiz de tudo por aquela pessoa e ela me pagou com ingratidão!

E uma das formas que encontrei para lidar com isso me foi sugerida pelos próprios espíritos: compreender o ingrato como alguém doente da alma e cuja fraqueza é explorada por espíritos trevosos para atacar a obra que procuramos edificar.

Neste ponto é importante deixar claro que existem pessoas no universo da espiritualidade que fazem o bem esperando confetes, selfies e tapinha nas costas... Porém, não é disto que se trata este capítulo. Aqui, estou me referindo à ingratidão em sua forma mais brutal: aquela que machuca quem um dia estendeu a mão com sinceridade para ajudar o próximo.

Para ilustrar com um exemplo pessoal, certa vez passei por uma experiência muito frustrante. Uma pessoa me procurou e mostrou, em seu próprio smartphone, uma conversa que havia tido com outra pessoa da casa em que esta segunda dizia horrores a

meu respeito, como por exemplo, que eu produzia meus conteúdos para “aparecer” e que muitas vezes não “estava incorporado nada”.

Imediatamente, estranhei aquela conversa e, até como uma forma de defesa, acabei colocando a pessoa que me mostrou aquilo numa saia-justa, dizendo:

– Bem, se ele te procurou para falar estas coisas, é porque vocês devem ficar de conversinha por aí. Agora você está me mostrando essa conversa, mas vai saber o que você também já falou de mim pra ele...

A situação ficou chata, a pessoa ficou meio ofendida, pois imaginava que estivesse me fazendo um favor, embora, do meu ponto de vista, ela estava apenas querendo ver o circo pegar fogo. Aconselhei-me com os guias espirituais sobre como proceder e eles me orientaram: tolera, perdoa, esquece e assim procurei fazer.

Digo, procurei, porque durante muito tempo aquilo martelou em minha cabeça, pois a pessoa que me acusava de buscar autopromoção vivia

comentando em meus vídeos, dizendo que adorava os meus conteúdos e, embora naquela conversa desacreditasse a minha mediunidade, vivia pedindo para conversar com os meus guias, buscando conselhos e orientações, beijando a mão do preto-velho, etc.

Na época, lembrei-me de uma professora da faculdade que dizia:

– A melhor forma de enlouquecer alguém é dizer uma coisa e fazer outra.

Por fim, decidi não perder tempo com essa perturbação e segui com a minha vida. Nos anos seguintes, outras tantas ingratidões surgiriam, muitas vezes, através de pessoas que nunca imaginei que poderiam agir assim a ponto de, atualmente, eu me sentir com o coração mais duro do que quando comecei o meu trabalho mediúnico, infelizmente...

Chega um ponto em que se leva tanta pedrada, que ficamos ressabiados. Por isso, quando ouço reclamações de pessoas a respeito de seus dirigentes, afirmando que muitas vezes parecem frios e distantes, tendo sempre a pensar que, na verdade, depois de

tanta pancadaria, eles resolvem se fechar para se preservarem.

Assim, se você está vivendo algum processo de ingratidão, lembre-se do que foi dito no correr deste capítulo: a ingratidão com frequência é potencializada pelas trevas como uma forma de atacar e desestimular o seu trabalho.

Por isso, pense sempre nas razões que fizeram com que você chegasse em tal casa, na importância do seu trabalho, no cumprimento da sua tarefa espiritual e, assim, não sobrarão muito tempo para pensar naqueles que resolveram cuspir no prato onde um dia comeram... E eles são muitos!

Capítulo 7 – Traição

O que leva uma casa a fechar suas portas? Por que razão uma casa que atendia centenas de pessoas, de repente, não atende mais ninguém?

A resposta a estas perguntas, quase sempre, é: fatores humanos. Como refletimos nos capítulos anteriores, as relações interpessoais podem gerar uma série de situações estressoras que, frequentemente, são a principal razão para o encerramento das atividades de uma casa. Entre estes fatores, a traição é um dos mais importantes e, por isso, vale a pena refletirmos sobre este assunto.

Como seres sociáveis - embora uns mais, outros menos - nós gostamos da companhia uns dos outros e nas casas religiosas não é diferente.

A esta altura, deve estar bastante claro que a casa religiosa congrega pessoas muito diferentes entre si, em todos os sentidos e não é porque tal pessoa é médium, dirigente ou tenha qualquer cargo religioso, que isso fará com que necessariamente seja alguém adequado para a convivência fora do espaço religioso. Para ilustrar o que quero dizer, narrarei um caso verídico.

Há um centro espírita que realiza um lindo de trabalho de amparo às famílias carentes. Caridade no sentido mais claro da palavra: almoço fraterno, distribuição de cestas básicas, roupas, evangelização, passes, etc.

Certo dia, porém, o escândalo: uma criança da evangelização, após o término da aula, resolveu voltar para a sua salinha onde havia esquecido algum objeto escolar. Assim que entra, a surpresa: o presidente do centro aos beijos com uma voluntária da casa.

A situação já seria constrangedora e inadequada pelo próprio ambiente, porém, havia outro agravante: ambos eram casados e suas famílias trabalhavam no centro.

A criança, em sua inocência, espalhou a notícia que já levantava algumas suspeitas entre os voluntários. Ambos negaram o fato, mas o estrago estava feito. As suspeitas ficaram cada vez mais evidentes, os conflitos se tornaram mais intensos, e o resultado final foi um abalo nos alicerces da casa. Quase metade dos voluntários se afastaram da instituição em menos de um mês.

A casa ainda existe e o trabalho continuou. Como é de praxe no meio espírita, os escândalos

foram varridos caridosamente para debaixo do tapete e, com a poeira dos anos, o fato caiu no esquecimento. Mas, eu estava lá e testemunhei a dor de duas famílias que foram arrasadas pela traição ocorrida num lugar que, para elas, era de paz e amor.

Fatos como este são muito mais comuns do que se pensa e ocorrem em todas as religiões. Aliás, é por isso que muitos dirigentes de terreiro proíbem o relacionamento entre os membros da casa, afinal, quando um relacionamento começa, tudo é promissor, mas quando termina, frequentemente, os efeitos nocivos são levados para dentro do terreiro...

É por isso que, anteriormente, recomendei que se evite a intimidade e mesmo a amizade fora da casa religiosa. Amizade, companheirismo, fraternidade, são valores que devem existir dentro da casa, na realização de seus objetivos, mas não há necessidade de estabelecer o mesmo fora dela. É possível ser um ótimo amigo durante as atividades religiosas e, fora deste ambiente, cada um seguir com a sua vida...

Agora, narrarei outro caso, igualmente real, mas voltado à realidade dos terreiros de Umbanda.

Dois médiuns iniciaram uma amizade. A princípio, tudo fluía muito bem. Surgiu uma

oportunidade de convívio mais estreito em razão de um jogo de futebol. Um deles foi até a casa do outro para assistir ao jogo.

Quando lá chegou, este logo reparou na esposa do companheiro. Algo falou em seu coração e ele não tardou a lançar olhares maliciosos sobre ela.

A convivência continuou por mais alguns meses até que a esposa do primeiro resolveu abrir o jogo, contando ao marido que seu amigo passou a assediá-la, a princípio, com elogios velados e, com o passar do tempo, através de ligações de números desconhecidos e mensagens via Whatsapp.

O marido procurou o rapaz para tirar satisfação e este negou tudo, claro. O fato, porém, é que isso também se refletiu no terreiro. Ambos chegaram a discutir durante uma gira. A solução? Foram expulsos da casa...

Os exemplos de traições não se limitam apenas às relações conjugais. Existem traições em diferentes níveis e que causam igualmente diferentes danos. Apenas mais um exemplo, também real.

Duas moças, uma médium e outra cambone, começaram uma amizade no terreiro. Em comum, descobriram que ambas vendiam produtos de beleza,

embora de marcas diferentes. A amizade caminhou para fora do terreiro a ponto de se tornarem verdadeiras confidentes uma da outra.

Um belo dia, divergiram sobre algo ligado a um dos produtos. A divergência cresceu, tornou-se inimizade. Uma delas resolveu esquecer o assunto e seguir com a sua vida, a outra, porém, maliciosa, comentou vários aspectos da intimidade da ex-amiga no terreiro, gerando uma série de fofocas menos dignas.

Em algum momento, a primeira achou que a segunda era confiável e aquela amizade bela e promissora acabou se transformando num verdadeiro inferno, a ponto de detalhes da vida íntima que não diziam respeito à ninguém começarem a circular entre os fofoqueiros de plantão (e, diga-se, como existem fofoqueiros nas casas religiosas...).

Estes foram apenas alguns exemplos, mas certamente poderia citar outros tantos. O fato é que, geralmente, só tardiamente percebemos a malícia alheia. Tendemos a achar que todo médium é bom, que todo trabalhador da espiritualidade é íntegro, justo, correto e isso não é verdade.

Por esta razão, a cada ano que passa, mais claro fica para mim a importância de um certo distanciamento entre a vida pessoal e a vida religiosa: dentro da casa, harmonia, amizade, fraternidade, companheirismo! Fora dela? Cuidado, prudência. Há exceções? Certamente. Mas, a maioria não vale o risco...

Capítulo 8 – Desânimo

Todo trabalho espiritual é rotineiro. As primeiras sessões são sempre incríveis, marcantes, porém, com o correr dos anos, tudo se torna rotina. A ordem dos trabalhos permanece quase sempre a mesma, as queixas dos consulentes são quase sempre iguais e isso pode produzir um certo enfado, desânimo.

Por esta razão, todo médium precisa estar muito vigilante em relação a isso, a fim de que o desânimo não faça morada em seu coração. Considere, portanto, o trabalho espiritual rotineiro, os ataques espirituais, as dificuldades interpessoais mencionadas nos capítulos anteriores e o cenário se mostrará rico em estímulos contrários ao bem.

É por esta razão que muitos médiuns ficam pelo caminho, deixando de lado o trabalho espiritual que, em algum momento, se mostrou belo e promissor, pois o desânimo se comporta como uma erva daninha, crescendo lentamente, embora sempre em frente, espalhando-se por toda parte e encobrendo nossos melhores ideais.

Chega um momento em que todo trabalhador da espiritualidade pensa em desistir, refletindo sobre a sua própria relevância para o trabalho, questiona se, de fato, está mesmo fazendo o que é melhor para si e para a casa que escolheu. Tais reflexões, contudo, são importantes para que avalie a si mesmo com clareza, melhorando caso esteja deixando a desejar em algo, porém, não podem crescer tanto que atrapalhem nosso discernimento.

Por isso, ao longo destes 20 anos no universo da espiritualidade, tendo contato com pessoas de todo o Brasil, posso afirmar sem medo de errar: é normal passar por isso! Todo mundo passa e eu mesmo já atravessei sombras tão espessas que por muito pouco não desisti, talvez, para sempre!

Estando claro que esta situação é normal e que acontece com todos, resta-nos pensar em medidas que possam atenuar este processo e eu conheço algumas. Aprendi com os próprios espíritos que a melhor alternativa ao desânimo se chama trabalho!

Quanto mais estivermos desanimados, mais devemos trabalhar!

Conta-se que uma senhora procurou Chico Xavier pedindo-lhe orientações sobre como se livrar de uma perturbação espiritual:

– Trabalhe, minha filha! Trabalhe até você ficar tão cansada que os espíritos não consigam te pegar...

Esta é a receita que tenho empregado em minha vida e que tem sido a responsável por me fazer levar adiante as tarefas que, por vezes, parecem mais pesadas que meus ombros... Sempre que me vejo desanimado, procuro logo preencher o meu dia com coisas úteis: escrevo textos, gravo reflexões, respondo dúvidas em grupos do Facebook, etc.

Dentro das minhas possibilidades, procuro não deixar espaço para que pensamentos ruins tomem conta da minha cabeça, fazendo o possível para afastá-los através do trabalho no bem. A minha grande oficina é a internet, porém, cada pessoa pode adaptar seu dia-a-dia e sua rotina para que lhe seja possível algo realizar em prol de alguém em algum lugar.

Outro caminho que também pode ajudar e que se mostra especialmente mais favorável no contexto da Umbanda, é se consultar com outros médiuns, de outras casas, buscando novas orientações. Vou contar um exemplo pessoal: visitei um terreiro para conhecer os trabalhos. A entidade com quem passei descreveu com absoluta precisão os meus dramas íntimos. Falou com conhecimento de causa a respeito das minhas dificuldades e, sem que o médium me conhecesse, descreveu com exatidão as minhas tarefas espirituais. Fiquei tão impressionado com a consulta que isso revigorou a minha vontade e deu novo ânimo ao meu trabalho.

No entanto, se você se sentir demasiadamente cansado e improdutivo e o reforço do trabalho no bem não estiver produzindo o resultado desejado, uma alternativa talvez seja o afastamento temporário: ele é importante em casos extremos e mesmo necessário para que se evite criar antipatias em relação ao trabalho ou para com as pessoas da casa religiosa. Às vezes, é importante “dar um tempo”, respirar outros ares, afastar-se um pouco da rotina da casa para que as emoções se esfriem e tudo possa voltar ao normal.

Não há nenhum problema em pedir este tempo e todos os companheiros leais compreendem essa necessidade e, mesmo entre pessoas cujas funções sejam primordiais para o andamento dos trabalhos, é possível tal afastamento, exigindo apenas um planejamento prévio mais elaborado.

Por fim, uma última alternativa: se tudo o mais falhar, mude de casa. Embora tenhamos compromissos espirituais diversos e, em alguns casos, tais compromissos se desenvolvem melhor em um ambiente do que em outro, é sempre melhor mudar de casa religiosa do que deixar de trabalhar. Se este for o caso, siga adiante, guardando o aprendizado obtido na casa anterior e esteja de coração aberto para novas experiências.

Faça o que tiver que fazer, apenas não deixe o desânimo se apoderar de você.

Capítulo 9 – Falta de fé

“Disse-lhes ele: Por causa da vossa pouca fé; pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível.” Mateus 17:20

Muito antes dos tempos bíblicos, a humanidade já lidava com a fé (ou a falta dela) e esta passagem dos evangelhos ilustra, com clareza, toda a nossa dificuldade: a nossa fé continua sendo menor que um grão de mostarda.

Isto não é propriamente novidade e, cedo ou tarde, todos sentimos este efeito em nossa vida. Boa parte das pessoas têm propensão a crer desde que os bons ventos soprem a seu favor, porém, basta a menor contrariedade para questionarmos a bondade divina.

Particularmente, creio que o problema seja, essencialmente, de educação: educação religiosa, que está em franco declínio na atualidade.

Antigamente, as pessoas acreditavam por medo, por imposição. Era proibido questionar, a

dúvida levava ao inferno. Na atualidade, tudo se pode questionar e nada mais tem valor, exceto, se for para satisfazer a nossa vontade.

Assim, fomos de um extremo, impositivo, para outro extremo, frouxo, onde tudo só tem valor se apresenta alguma vantagem àquele que crê.

Aos “trancos e barrancos” a humanidade vai levando a sua fé, hoje, muito mais como um adorno exterior, parte das exigências sociais para se pertencer a um “clube de pessoas”, do que propriamente uma chama íntima que serve de luz e guia em tempos sombrios, como o que atravessamos...

Isto fica também evidente no universo da espiritualidade. Engana-se quem porventura pense que este meio produza pessoas com mais fé do que outros caminhos. Os dramas humanos são essencialmente os mesmos, não importa o local e o tempo e, embora o contato espiritual devesse, naturalmente, fortalecer a nossa convicção, a experiência cotidiana mostra o contrário: isto é, a maioria das pessoas continua com a sua fé vacilante com ou sem o contato com os espíritos.

É por esta razão que os médiuns, frequentemente, tombam no campo da fé. Quantas

foram as pessoas com quem já conversei e que imaginavam que suas vidas se transformariam em conto de fadas, simplesmente, por que aceitaram o trabalho espiritual? Quantos os que pensaram: agora que estou trabalhando a minha espiritualidade, tudo fluirá bem...

E o que acontece? Decepção!

É preciso lembrar que não somos almas iluminadas espelhando luz no mundo. Somos, antes, espíritos atrasados lutando para acender alguma luz em nós mesmos e, de quebra, ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo. A vida na Terra se resume num marmemoto de provas e expiações e a adesão à uma corrente espiritual não tornará os tsunamis da vida menos intensos.

A diferença é que, enquanto a maioria das pessoas na Terra não terão a quem recorrer, senão, a um Deus cuja presença está bastante distante do seu cotidiano, os trabalhadores da espiritualidade sabem que seus guias estão por perto e podem conversar com eles sobre todos os seus problemas, como um amigo que confia suas dores a um outro amigo.

Portanto, é importante que fique claro o seguinte: o caminho da espiritualidade não nos livrará

dos tormentos da vida, mas nos dará o apoio necessário para suportá-los. Teremos as nossas “escoras”, como se diz na Umbanda. Nada mais!

Por esta razão, todo trabalhador da espiritualidade precisa estar vigilante para com a sua fé, a fim de que as tempestades do mundo não apaguem a sua chama.

Como certa vez me disse o preto-velho: *desenvolver é fácil, manter a chama acesa é difícil!*

E que a espiritualidade nos ilumine para que consigamos superar nossos desafios e desenvolver a fé que nos falta!

Capítulo 10 – Desconfiança

A desconfiança é um problema muito sério nas relações interpessoais dentro das organizações religiosas. A primeira lembrança que tenho a este respeito, ainda na época da mocidade espírita, é a de uma historinha contada aos alunos e que, embora simples, reflete bem a essência do problema.

– Conta-se que um senhor, médium atuante há muitos anos num centro espírita, andava cabisbaixo, entristecido. Após os encontros mediúnicos, despedia-se, indo embora. Certo dia um companheiro percebe uma cena e enche-se de “piedade”: o referido médium estava bebendo dentro do carro, antes mesmo de sair da porta do centro. A notícia correu e todos se alarmaram. Na semana seguinte, alguns companheiros se espremeram na porta do centro para ver se era verdade: e era! Alguns, mais afoitos, diziam que seria necessário chamar o médium a esclarecimentos, afinal, na pureza angélica de um centro espírita, jamais se poderia aceitar a presença de um médium que fizesse uso de álcool... Outros, diziam que era preciso dar tempo ao tempo,

observar melhor o que estava acontecendo, não tirar conclusões precipitadas. O fato é que a diretoria da casa chamou o médium à esclarecimento e, para surpresa de todos, descobriu-se que, realmente, ele estava bebendo no carro... Mas, não era cachaça e, sim, a água da garrafinha que levava para fluidificação na reunião...

Fatos semelhantes a estes não são raros e as consequências quase sempre são desastrosas. Supondo que esta história seja real, como terá reagido este médium? Esqueceu o fato e continuou trabalhando como se nada tivesse acontecido? Ou será que ficou magoado com a situação? Infelizmente, não sei...

O que eu sei é que, como espíritos atrasados em processo de melhoria íntima, uns mais, outros menos, nós frequentemente geramos sofrimento para nós mesmos e para os que estejam ao nosso redor e as casas religiosas não são exceção.

Citado um exemplo espírita, vejamos agora uma situação típica da Umbanda: médiuns que supostamente não estão incorporados!

Julgar a incorporação de alguém é um processo muito difícil e, frequentemente, tendemos a fazer isso quando aquilo que nos foi dito não nos agrada.

Com muita frequência, as pessoas me perguntam como poderiam distinguir um médium que está incorporado de um que não está. Respondo que isso é muito difícil e que, em última instância, não faria tanta diferença.

Se numa consulta ouço algo que me ajuda, não importa se veio do médium ou da entidade, importa que veio, que ouvi e que aquilo em ajudou. Assim, não vejo razão para nos tornarmos fiscais da incorporação alheia, sendo prudente simplesmente proceder assim: *ouça com respeito e leve para a sua vida o que achar que serve. Esta é a receita, simples assim!*

Além do mais, os julgamentos ocorrem mesmo que o médium tudo faça em prol dos demais e da casa. Neste sentido, posso dar o meu testemunho pessoal: não foram poucas as vezes que chegaram até mim conversas de que alguém não estava confiante em minhas manifestações.

O curioso - esta é a parte que indigna - é que tais desconfianças vinham, justamente, dos que mais

me elogiavam, dos que pediam para beijar as mãos do preto-velho sempre que ele se manifestava e que publicamente se diziam sempre satisfeitos com os conselhos recebidos, porém, bastava virar as costas e as línguas ferinas chicoteavam sem parar: pessoas que sempre ajudei e que tenho absoluta convicção de nunca ter prejudicado de forma alguma... O ser humano, infelizmente, é assim em quase todos os lugares!

Ainda um outro exemplo.

Certa vez estava cambonando e observei um casal de consulentes que cochichavam, rindo baixinho, apontando o dedo e pude ouvir quando disseram:

– *Ó, aquele ali chegou com tudo, tá incorporado de verdade. Aquele outro ali tá só fingindo mesmo...*

Na hora, olhei com a cara bem feia (e quem me conhece já deve estar imaginando qual seja) e o desconfiômetro, felizmente, apitou, embora o meu bom-senso me impeça de entender o que faz uma pessoa sair da sua casa num sábado à tarde para ir num terreiro ficar julgando a incorporação alheia...

O fato, porém, é que isto ocorre. As desconfianças abundam em toda parte: uns desconfiarão de nossa mediunidade, outros de nosso caráter, outros de nossa vida íntima e isso é praticamente inevitável. O que podemos fazer - e é o que nos cabe fazer - é ignorá-los e seguir em frente, lembrando que estamos em um determinado trabalho espiritual por nós, não pelos outros.

“Quando te chamarem de santo, você saberá que não é. Mas, quando te chamarem de impostor, você também saberá que não é” - Conselho dado por Chico Xavier ao médium psicógrafo já desencarnado, Celso de Almeida Afonso.

Capítulo 11 – Solidão

Todo trabalho espiritual é, em essência, um trabalho solitário. Ainda que estejamos rodeados de pessoas, ainda que trabalhem numa casa numerosa, mesmo assim, estaremos sozinhos.

A solidão é a única e verdadeira companheira de todo trabalhador sério e comprometido com o bem, não importa que seja grande ou pequeno o seu trabalho.

Contudo, existem diferentes formas de experienciar tal solidão e para cada pessoa ela se apresentará de forma diversa: uns a encontrarão na incompreensão familiar; outros, dentro da própria casa religiosa; outros, na falta de amigos com quem possam conversar sobre as novas ideias; outros, em sua vida pessoal, etc.

Conforme avança pela senda espiritual, o trabalhador, quase sempre, se sente deslocado de seu meio, sentindo certo desinteresse pelas coisas que as pessoas ao seu redor valorizam e isso pode fazer com que seja visto pelos demais como uma espécie de “eremita urbano”, alguém “diferentão”, estranho, esquisito, sistemático - como diversas vezes escutei.

As festas já não empolgam tanto. As conversas dos amigos se mostram sem graça. Toda a rotina criada ao longo de uma vida parece cinza, pois em sua cabeça, embora com todas as imperfeições humanas, pulsa um desejo espiritual praticamente incompreensível a quem não seja do meio.

Um chamado, uma voz incessante que lhe deixa inquieto pelas coisas que existem além do véu e aqui é preciso muito cuidado. Neste estado de espírito, o risco de rompermos os laços familiares e as amizades é muito grande.

Não se trata de fanatismo, pois o fanático substitui uma realidade concreta por uma imaginada. Neste caso, trata-se de um sentimento de apatia, às vezes, verdadeira aversão que não se mostra, propriamente, como arrogância ou prepotência, mas um vazio existencial que cresce cada vez mais conforme o trabalho espiritual se solidifica.

Parece contraditório, não? Contudo, verifique na biografia de todo grande médium e em maior ou menor intensidade, você verá relatos semelhantes a este. Aliás, existe até uma expressão, derivada do misticismo cristão que serve bastante ao caso e frequentemente é empregada pelos esotéricos para se

referir a este torturante sentimento de solidão: *a noite escura da alma...*

Há também uma frase atribuída a Chico Xavier sobre isso:

"O espírita chora escondido. Depois, lava o rosto e vai atender a multidão sorrindo."

Seja como for, em que ordem e intensidade for, o trabalhador da espiritualidade não deve deixar tal solidão dominá-lo. Deve, antes, empregar todos os esforços possíveis para afastá-la, do contrário, terá severamente suas relações pessoais abaladas e pode mesmo acabar sozinho e esquecido de todos.

Tal sentimento, na verdade, é um desafio espiritual, parte do processo de crescimento e de abandono dos velhos hábitos em busca de novos: é o velho homem morrendo dentro de nós para dar lugar a um novo homem!

Contudo, enquanto morre, este homem velho cheio de dores e traumas acumulados ao longo de incontáveis séculos leva também parte da nossa vitalidade e é isto que faz o mundo parecer gélido e sem graça. Entretanto, conforme o novo homem

surge, mais radiante e leve, traz de volta consigo o brilho da vida e da alegria.

Assim, realmente, tal solidão nada mais é do que uma noite longa e escura, que pode demorar alguns anos, algumas décadas, mas um dia, dará lugar a um novo dia, a um sol terno e amigo que despontando no horizonte, encherá nosso peito de alegria, satisfação e paz.

Jesus disse que venceu o mundo; vençamos, por nossa vez, a solidão!

Capítulo 12 – Apoio Espiritual

Enquanto escrevo estas linhas, pergunto-me se consegui atingir o meu objetivo: escrever com esperança! Abordar, sim, os temas difíceis que os trabalhadores da espiritualidade enfrentarão, de forma clara e objetiva, mas sem o desejo de produzir temor desnecessário, porém, conscientização. Terei atingido o meu objetivo? Isto os leitores dirão...

Tudo que escrevi até agora, todos os desafios que enumerei e resumi são reais e creio que todas as pessoas passarão por eles com maior ou menor grau de afetação... Porém, o que não mencionei até agora de forma enfática é, justamente, o apoio espiritual durante todo este percurso.

A partir de agora e até o final deste singelo livro, deixaremos para trás todas as dificuldades e desafios estudados. Esqueceremos os rancores, mágoas, desconfianças, inimizades, etc. Daqui, para frente, somente carregaremos aquilo que tem valor para a Vida Superior.

A primeira vez que “senti na pele” este apoio de forma incondicional e irrestrita foi durante a

minha colação de grau em psicologia. Estava na arquibancada, quando repentinamente me arrepiei e imediatamente identifiquei a presença do preto-velho ao meu lado. A emoção foi tão grande que tentei sinalizar para a minha esposa, na plateia, o que estava percebendo.

Durante alguns minutos, esqueci o burburinho da multidão e apenas agradei aquela presença amiga e confortadora num momento tão importante para mim. Na semana seguinte, assim que retornei aos trabalhos do terreiro, diversas entidades, através de diferentes médiuns vieram me cumprimentar pela conquista.

Noutra ocasião - que eu particularmente chamo de *Sábado Maravilhoso* - fui chamado para ajudar a dar passes numa senhora acamada. Enquanto aplicávamos o passe, um dos médiuns presentes incorporou um preto-velho por quem tenho muita estima e, depois de perguntar se tínhamos tempo, nos levou até o quintal onde ficamos algumas horas conversando sobre o céu e a terra embaixo de um pé de acerola.

Esta é, seguramente, a lembrança mais querida que tenho no universo da espiritualidade, embora

quem não tenha participado de algo assim possa, compreensivelmente, achar estranho...

Desde que iniciei os meus passos no caminho da mediunidade, pude perceber, sentir e ter a certeza da presença e atuação dos guias espirituais em minha vida, nas mais diversas ocasiões e lugares. Sempre que necessário, pelo menos um deles esteve presente, dando-me passes, conversando, auxiliando, etc. Por isso não haja dúvidas a este respeito: nós sempre somos amparados!

Este é o ponto central deste capítulo: estar numa tarefa espiritual não nos colocará numa posição de privilégio em relação as provas e dificuldades da vida, pois passaremos por tudo que tivermos que passar... Porém, não passaremos sozinhos e, trabalhando com a espiritualidade, podemos ter a certeza desse apoio e amparo cotidiano em nossa vida!

Vejam os mais um caso: os guias pediram para fazer um trabalho de defumação e passes na casa de uma pessoa. Marcamos. Uma hora antes do trabalho, chega a notícia de que minha irmã havia ido às pressas ao hospital para realizar uma cesariana de emergência. Ninguém esperava e naturalmente veio

o baque. Naquele momento, fiquei dividido: cancelo o trabalho? Afastei-me da agitação, rezei, pedi inspiração e ela veio: continue o trabalho, vamos ajudar! Assim fiz...

Uma parte da equipe espiritual que me auxilia foi ajudar no parto e nos cuidados necessários e a outra seguiu para ajudar no trabalho espiritual que realizaríamos e tudo correu bem. Este acontecimento foi importante, inclusive, para que eu mesmo sentisse o estado de maturidade da minha própria fé.

Por fim e, para não me alongar neste capítulo, contarei um último caso. Eu trabalhava na zona rural, distante 65 km da minha casa. Então, todos os dias, dirigia pelo menos 130 km (ida e volta) e isso me cansava por demais. Além disso, o dono da empresa também tinha um bom gasto, pois além do combustível, era preciso considerar o desgaste natural do veículo. Foi quando recebi a proposta para me mudar para uma cidade vizinha, onde residiam todos os funcionários da empresa e ainda receberia um bom aumento por isso.

Eu sabia que, se fosse, isso praticamente impediria a minha presença no terreiro, não tanto pela distância física entre as cidades, mas pela rotina

de trabalho que mudaria severamente, uma vez que eu teria que ir e vir no ônibus da empresa, então, certamente não conseguiria chegar há tempo para os trabalhos. Contudo, a proposta era muito boa e eu fiquei dividido.

Em momentos de incertezas é praticamente impossível ao médium ouvir os seus próprios guias, dado seu estado de confusão mental, sendo necessário recorrer aos guias de outro médium. Foi o que aconteceu.

Estávamos iniciando o nosso terreiro e, de tempos em tempos, nos consultávamos com os guias de uma médium de nossa confiança, mais experiente, para que seus guias nos orientassem sobre o andamento da casa. Surgiu uma oportunidade e eu a aproveitei para pedir uma orientação neste sentido, não tanto sobre se deveria ou não aceitar a proposta, mas porque me doía pensar que abandonaria o terreiro logo em seus primeiros passos.

Antes de sair de casa - e me lembro disso como se fosse hoje - olhei pela janela do quarto e vi a lua cheia muito bonita no céu claro. Segurei nas grades da janela e com toda a força do meu coração fiz uma oração endereçada à cabocla que trabalha com esta

médium para que ela me orientasse. Ninguém da casa sabia sobre essa proposta, muito menos, a própria médium.

Iniciado o trabalho, a médium incorpora a cabocla que, saudando a todos, dirigiu-se para mim, dizendo:

– *Eu escutei a sua oração e vim aqui hoje apenas para te responder, pois este trabalho é da preta-velha... Os guias estão com você e vão para onde você for... Contudo, o seu compromisso agora é com esta casa.*

Disse-me ainda outras tantas coisas, agradei comovido e ela foi embora, dando lugar à preta-velha que conduziria o restante dos trabalhos.

No dia seguinte, comuniquei a minha decisão de não me mudar. O chefe certamente não gostou, mas acabou esquecendo o assunto. Continuei trabalhando na empresa por mais três anos quando, repentinamente, ela fechou (imaginem se tivesse me mudado).

Por esta razão e por ter vivido tantas outras experiências, posso afirmar sem medo de errar: se você for um trabalhador sério e dedicado, você será

amparado pela espiritualidade, em todas as
circunstâncias da sua vida!

Capítulo 13 – Os frutos

“Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.” Mateus 7:18

A perseverança no trabalho espiritual conduz, fatalmente, a obtenção de bons frutos. Não importa qual seja o trabalho, ele certamente impactará e contribuirá positivamente para melhoria de uma multidão de pessoas.

Imagine, por exemplo, quantas pessoas serão beneficiadas pelos passes transmitidos por uma única pessoa, ao longo de décadas? Quantas crianças serão alimentadas pelo trabalho de um único voluntário no serviço de assistência? Quantas pessoas serão instruídas pelo trabalho de uma vida inteira dedicada à propagação das verdades espirituais?

Como vimos no primeiro capítulo, todo trabalhador da espiritualidade é importante, não importando o seu seguimento ou campo de atuação: todos vieram à Terra para se melhorarem e, se possível, contribuir para que outros se melhorem também. Eis nossa tarefa!

Assim, conforme os anos correm, os frutos aparecem em abundância. Como exemplo, posso citar que as minhas singelas reflexões, boa parte gravadas embaixo de árvores, no meio do mato, alcançaram pessoas de diversos países, milhões de visualizações e isto é algo que ainda hoje me impressiona.

Quantos feedbacks positivos recebi de alguém que ouviu algo que eu havia gravado e me procurou para agradecer? Quantos textos, escritos na madrugada, como este, impactaram positivamente a vida das pessoas? Conteúdos que, por vezes, eu questionava quanto a real importância para quem os consumiria e que, malgrado meu próprio pessimismo, ainda assim tocavam corações de formas difíceis mesmo de imaginar...

Este é o caminho natural de todo trabalhador espiritual. Ninguém começa grande e todos passam pelos mesmos desafios. A este respeito, costumo dizer que Chico Xavier não nasceu Chico Xavier, mas se tornou Chico Xavier com o correr dos anos.

Ele começou a sua vida mediúnica como todos os outros médiuns: inseguro! As suas primeiras produções mediúnicas foram assinadas com seu

próprio nome, pois não tinha certeza da autoria espiritual. Quando digo isso, muita gente pergunta: *ah, mas ele não via os espíritos desde criança? Como podia não saber?*

Certamente, desde a infância, ele vivenciou fenômenos mediúnicos, dada sua extraordinária potencialidade. Contudo, não via os espíritos o tempo todo e em todos os lugares, exceto, quando já na velhice e tendo já cumprido a sua missão. Não fosse assim, certamente cairia em perturbação!

Graças, porém, ao seu trabalho no bem, ao longo de décadas, sua mediunidade foi refinada e suas produções ainda hoje encantam o mundo. Entretanto, isto levou anos para acontecer, mesmo sendo ele um espírito missionário, condição rara entre os médiuns aqui encarnados.

Seus primeiros traços psicográficos ocorreram em 1927, porém, apenas em 1931 é que publica sua primeira obra. Percebem? Praticamente, quatro anos de treino mediúnico e isto - repito - considerando que se tratava de um espírito missionário entre nós!

O reconhecimento nacional só veio após os sessenta anos de idade, quando resolve participar dos históricos programas pinga-fogo, na Tv Tupi, na

década de 1970. Antes disso, embora houvesse alcançado alguma projeção, era ainda desconhecido do grande público brasileiro. Usei o exemplo de Chico Xavier por ser, possivelmente, o maior médium que já tivemos notícias, mas podemos fazer a mesma relação com Zélio de Moraes, fundador encarnado da Umbanda.

O trabalho de Zélio praticamente se circunscreveu à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, no Rio de Janeiro. Ele não se tornou um líder nacional, mas manteve de pé a primeira casa de Umbanda, mesmo tendo atravessado as mais diversas provações.

O seu reconhecimento nacional só ocorreu em meados da década de 1970, com mais de 80 anos de idade, quando sua história ganhou as manchetes dos jornais umbandistas e, ainda assim, com a desconfiança de muita gente que praticava a Umbanda, sem nunca ter ouvido falar de seu fundador encarnado.

Imagine, agora, a alegria de Chico Xavier, no Mundo Espiritual, onde é possível ter a real dimensão do tamanho da sua obra que, inicialmente, começou a psicografar na mesa da sua casa. Imagine

a alegria do Zélio, do outro lado da vida, sabendo que sua força e perseverança foram fundamentais para que a Umbanda nascesse e se espalhasse por todo o Brasil.

Nenhum médium famoso começou com tudo pronto. Nenhuma instituição religiosa nasceu pronta. Todo trabalho espiritual é edificado aos poucos, conforme a perseverança daqueles que caminham, apesar das tempestades.

Por isso, sejam quais forem as provas que venhamos a atravessar, as adversidades que cruzarem os nossos caminhos, tenhamos sempre em mente que, se Deus nos honrou com uma tarefa espiritual, é que temos, em nós mesmos, plenas condições de cumpri-la e nada é mais gratificante para um trabalhador do bem do que ouvir um: muito obrigado por você existir!

Capítulo 14 – Aceitação

*“JÁ era madrugada quando a sessão terminou e a multidão continuava cercando o Chico, enquanto ele caminhava com dificuldade em direção ao carro. Uns perguntavam sobre parentes desencarnados, outros pediam-lhe autógrafos, outros beijavam-lhe as mãos, outros o rosto, muitos entregavam-lhe cartas, mães traziam-lhes os filhinhos para que ele os tocasse. Quando conseguimos colocá-lo no carro, perguntei-lhe: – Chico, como é possível ter tanta paz em meio a tanto tumulto? – Aceitação.” **Kardec Prossegue** - Adelino da Silveira.*

Todo trabalho espiritual exige tempo e dedicação. Tempo e dedicação que faltarão em algum outro setor da nossa vida. As famílias se queixarão, alguns parentes dirão que é fanatismo, amigos não compreenderão tanto empenho, etc.

Certamente, não é preciso romper os laços sociais para se dedicar às tarefas espirituais, mas é ilusão achar que não ocorrerão perdas pessoais.

A única forma de conseguir seguir em frente num mundo de incompreensões por todos os lados é através da confiança em Deus, pela certeza de que Ele não nos dará pesos que nossos ombros não possam carregar. Ainda assim, a vida será um belo desafio!

Neste sentido, é preciso muita tolerância e jogo de cintura, desenvolvendo a habilidade de contornar obstáculos compreendendo as exigências do mundo material e do mundo espiritual.

A esta dedicação, o espírito André Luiz, em suas obras, chama: *Espírito de Serviço*. Isto é, o fervor com que nos devotamos às tarefas espirituais, muito embora o mundo ao nosso redor nos convide o tempo todo às distrações...

As mulheres são as que mais sofrem, pois frequentemente lidam com o trabalho profissional, o trabalho de casa e ainda precisam exercitar a tolerância para minimizar as pressões dos maridos que, alegando de ciúmes à dedicação excessiva, com muita frequência, colocam pedras em seus caminhos...

Por estes tempos, vi uma pessoa do meio evangélico dizer uma frase de muita sabedoria: *se*

Deus te deu a missão, ele te dará também a provisão.
Ou seja, se Deus te chamou para uma tarefa, ele te dará todos os recursos necessários para cumpri-la, não importando os obstáculos pelo caminho. Não fosse assim, estaríamos encarando situações que não poderíamos suportar e, portanto, estaríamos fatalmente inclinados ao abismo.

Os desafios pessoais, familiares e trabalhistas que encaramos no processo de construção da nossa jornada espiritual terminam por contribuir positivamente para o maior aperfeiçoamento do nosso próprio espírito: são os desafios que nos impulsionam adiante.

E é por esta razão que a aceitação se torna o único caminho para que possamos, verdadeiramente, cumprir nossa jornada. Tal aceitação implica em abdicação da nossa vontade, ao menos em algum nível, para que através de nós se realize uma obra cujo alcance ultrapasse a nossa estatura, pois diferentemente das obras pessoais, as obras espirituais trazem consigo a bagagem de muitos que nos auxiliam do outro lado do véu.

Todo trabalhador da espiritualidade, como vimos no primeiro capítulo, é um cultivador da luz na

Terra e por isso se torna tão especial, não importando seus próprios limites enquanto ser humano, pois desde que descubra o seu papel neste mundo e se esforce por cumpri-lo, certamente, realizará um trabalho muito maior do que a si mesmo.

E para que este trabalho se cumpra, torna-se necessário a compreensão e o acolhimento, superando todo e qualquer obstáculo que venha a existir entre nós e o outro, para que a obra - seja ela qual for - esteja sempre muito acima das suscetibilidades humanas.

É fundamental trabalharmos a aceitação do que nos cabe cumprir neste plano em todos os sentidos na certeza de que, quando houvermos chegado ao fim, nossa recepção do outro lado da vida se faça com festas e júbilos, não por mera vaidade, mas pela conquista de nós mesmos no cumprimento do nosso dever de deixar a Terra um pouco melhor do que quando aqui chegamos.

O preto-velho sempre fala aos trabalhadores da nossa casa sobre o dia em que estaremos todos reunidos na espiritualidade, quando a desencarnação houver chegado a cada um de nós em seu tempo

próprio, quando nos reuniremos embaixo de uma árvore frondosa em Aruanda, juntamente com todos os nossos guias, sentados em círculo e relembremos a nossa jornada, o nosso trabalho espiritual, as alegrias e tristezas vividas, porém, tal conversa acontecerá de espírito a espírito e não mais através da incorporação mediúnica.

Quando tal acontecer, teremos efetivamente encerrado o nosso ciclo e estaremos prontos e dispostos para os novos trabalhos que Deus nos confiará nessa incrível jornada de descobrimento de nós mesmos através da espiritualidade.

FIM

Leonardo Montes



É mineiro, uberabense, estudioso do universo da espiritualidade há 20 anos. Trabalha como médium da [Casa de Umbanda União](#) e atua na internet compartilhando informações sobre espiritualidade em seus canais do Youtube: [Voz Espiritualista](#) e [UmbandaSimples](#), além do blog: www.umbandasimples.com.br

Profissionalmente, é professor de História da rede estadual de Minas Gerais e atua como psicólogo clínico em consultório próprio e também em atendimentos virtuais a valores sociais.

Caso tenha interesse em fazer terapia comigo, presencial ou online, envie uma mensagem para o Whatsapp: [34 9. 9664-1415](https://wa.me/34996641415)

Caso queira conversar sobre espiritualidade, tirar dúvidas, pedir uma opinião, envie um e-mail para: vozespiritualista@gmail.com